I

Ao início, não sinto nada. Na verdade, quando chego a casa vinda do jantar, estou a rir-me.

— Não vais acreditar naquilo que acabou de acontecer — digo à nossa colega de casa, Molly, e ela coloca o *Mario Kart* em pausa e morde o lábio, preparando-se para o que está prestes a ouvir. — Ele deu-me com os pés — digo, e ela dá um salto para trás imediatamente, tão de repente que o gato lhe salta de cima do colo e corre para outra divisão.

— Lamento. — Parece apenas uma palavra, por isso ela passa-me um charro, quando normalmente diria primeiro «se me transferires cinco paus», agradeço-lhe enquanto a minha mente acalma, como uma *Coca-cola* a perder o gás. Romance parece ser má ideia, por isso vemos um filme em que homens armados com facas de talhante de serrilha perseguem mulheres. O bandido puxa um corpo para cima e o pescoço dela range contra a corda que ele aperta à volta dele.

— O que é que lhe disseste? — grita a Molly do fundo da cozinha, onde enche uma taça enorme de flocos de milho.

— Primeiro, achei que ele estivesse apenas a dizer que queria sair de casa e eu disse: «Se achas que estarias mais confortável assim, força», depois percebi o que ele queria realmente dizer e então disse: «Sabes que isto significa que nunca mais me verás, certo?» e ele meio que anuiu. Nem conseguia olhar-me nos olhos, e depois disse, «Tem uma boa vida» e foi embora.

— Boa — diz a Moll. — Aposto que ficou de rastos.

— Senti-me um pouco como se estivesse no *Real Housewives of Beverly Hills*, ou algo assim do género. Tu sabes, quando dão uma resposta chocante, mesmo antes do intervalo.

— Se ao menos tivesses uma bebida para lhe deitar em cima.

***

Dizem que ultrapassar o fim de uma relação leva metade da sua duração. Já alguém conseguiu ultrapassar o fim de uma relação numa noite? Quero acordar daqui a dois anos e meio de um coma sem ter de passar por tudo isto, com um médico a apontar-me uma daquelas pequenas lanternas aos olhos.

— *Viva, estamos em 2022, já o esqueceste por completo e tens um novo namorado com um cabelo bonito*.

Mando mensagem ao Josh, um rapaz da minha terra com quem trabalhei num bar. O Joe não queria que fosse amiga dele porque sabia que havia algo entre nós. Isto faz-me sentir tola, como se estivesse a fazer algo ilegal. Agora posso fazer o que quiser. O Josh responde com uma mensagem de voz: «Diz-me, Annie Lord, vais sair hoje?»

Há algo de muito excitante em alguém chamar-nos pelo nosso nome completo. Faz-me lembrar de quando era repreendida por um professor. Ouço a mensagem novamente. Gosto de como o seu sotaque cerrado de Yorkshire se enrola à volta dos tês até desaparecerem, suave como um seixo de praia. O Josh envia uma foto em que está sentado no bar, as gengivas cor-de-rosa brilham através do seu sorriso, bolhas de espuma de cerveja a borbulhar no seu lábio superior. Envio mensagens a outros homens parecidos-mas-não-muito e tento construir uma espécie de rede de atenção que me impeça de bater no chão.

— O que é que ele disse? — pergunta a Moll, mas o Josh parou de responder.

Pergunto-me se devo telefonar aos meus pais, mas depois lembro-me da forma como o pai segurou os ombros do Joe depois do jantar.

— És um bom rapaz, não és? — disse ele, e depois bateu-lhe nas costas com força, como os homens costumam fazer quando não querem demonstrar afeto ou parecer afetuosos. Quero que o pai se lembre do Joe dessa maneira porque, e se o Joe mudar de ideias e eu já tiver contado aos meus pais? O ambiente seria tenso na próxima vez que ele viesse jantar.

Tenho toda esta adrenalina a percorrer-me; faz faísca no meu estômago, como se fosse eletricidade e pulsa nos meus pulmões. Suponho que me sinto ansiosa, mas parece mais antecipação, como se fosse a

uma festa mais tarde ou fosse de férias na manhã seguinte. Relembro-me do que se passou, mas ainda não me caiu a ficha. Tenho a cabeça feita num nó.

O que levou o Joe a acabar tudo? A parar e a voltar-se sob a sombra de um grande edifício de escritórios envidraçado, tão nervoso que raspava a sola de uma *Reebok* contra a outra.

— Acho que apenas preciso de estar sozinho.

Terá sido o meu estômago inchado de demasiado queijo de plástico? Ou quando o obriguei a enumerar as Kardashians por ordem de sensualidade e depois gritei que ele estava errado quando colocou a Kourtney no fundo da lista? Ou talvez eu fosse tão perfeita que o fez pensar que era altura de me largar antes que ele me magoasse mais do que o necessário.

Não que nada disso pareça necessário.

Ele devia andar a planear isto há uns tempos; ninguém acaba uma relação com uma pessoa com quem se está há cinco anos por capricho. Saber que ele guardava toda esta informação de mim dói. Pensei que sabia tudo aquilo em que ele pensava, quais eram os amigos com quem anda aborrecido, a consistência das papas de aveia que preferia. Devia ter calculado que estava prestes a acabar comigo. Tomávamos sempre as decisões juntos, como uma equipa. Talvez tenha sido por isso que o fez: porque queria começar a tomar decisões sozinho.

Pergunto-me se estou a focar-me na ideia de que ele manteve este segredo porque a realidade de ele realmente se ir embora é demasiado grande para eu a compreender. Não consigo imaginar como é que isso seria. Consigo ver uma casa sem os seus pertences, consigo ver-me a cozinhar para uma pessoa, mas ele está sempre lá, com ciúmes, esbarrando em mim em festas; ele volta sempre.

Estou tão pedrada que a minha cabeça se dissipa numa poça turva. Respiro e olho para a Moll e pergunto-me se o último suspiro que dei foi estranho. Quase digo algo sobre a roupa de uma das personagens do filme, mas depois decido que completar o pensamento requer demasiado esforço, então digo apenas «até parece». O filme acaba e a Moll pega no seu portátil e nas mantas que trouxe do quarto que partilha com o Danny. Mesmo antes de ir para a cama, vira-se e diz:

— Sabes que não o podes aceitar de volta, certo?

Anuo, mas nem tenho a certeza do que «de volta» seria.

Na manhã seguinte, acordo e compro um bilhete de comboio para a ir a casa dos meus pais em Leeds, parece-me algo que uma pessoa que acabou de levar com os pés faria. É no comboio das onze e um quarto da North Eastern que sinto o meu coração partir-se. Um pacote de batatas fritas familiar, episódios de *The Wire* transferidos anteriormente, a voz do revisor a anunciar: «Chegaremos em breve a Stevenage» — e algo no meu peito quebra-se; as suas metades afastam-se como lixo no oceano apanhado por duas correntes diferentes.

Conheci-te a caminho da nossa primeira aula. Entrei no grande edifício vermelho da universidade a esfregar os meus braços porque setembro não parecia tão veranil como julguei que fosse quando saí de casa com um *crop top* vestido. Perdi-me nos longos corredores, em cada curva encontrava a mesma tinta com manchas amarelas e os mesmos tapetes gastos, a sala 11a onde a 12b.1 devia estar.

— Disseste que estavas à procura do Departamento de Filosofia? — perguntaste, a alguns passos atrás de mim.

— Não — respondo. — Mas é para aí que vou.

Juntos, encontrámos um mapa, descobrimos para que andar devíamos ir e espremo-nos no elevador apinhado, com a minha cara demasiado perto do teu peito e a minha mochila a empurrar a rapariga atrás de mim.

Vamos analisar este momento de fio a pavio anos mais tarde, quando nos conhecermos melhor, mantendo um ar presunçoso em relação às nossas antigas versões, que sabiam tão pouco sobre o que se passaria entre nós. Vou dizer-te que não parava de rir de tudo o que dizias. Vais dizer-me que sabias. Vais dizer-me que me achaste gira, no entanto. Perguntar-me-ei como é que isso foi possível, dado o meu cabelo laranja tangerina pintado e as minhas sobrancelhas rapadas em pequenas meias-luas.

Quando entrámos na sala, puxei uma cadeira e escolheste a que estava ao meu lado. Conseguia ver os ossos dos teus ombros a sobres-

saírem da tua camisa branca. «Leão», dizia uma tatuagem com letras ondulantes na parte interior macia do teu antebraço. Não sei quem te chama assim, mas podias sê-lo: pele cor de uma chávena de chá bem servida; caracóis de menino de classe, boca grande o suficiente para caber um punho nela, maior ainda quando ris.

Sentaste-te ao meu lado, com uma perna sobre a outra, como é suposto as raparigas se sentarem. Tinhas os pés húmidos de andar sobre a relva molhada com aqueles buracos nas tuas Vans. Fazias com que as tuas calças de ganga parecessem caras, apesar de terem um alfinete sobre o fecho rebentado.

Um dia perguntar-me-ás quem foi a pessoa mais bonita que conheci e vou inventar que foi um nadador-salvador de umas férias em família no País de Gales porque tenho vergonha de dizer que foste tu.

Depois de biscoitos recheados e de uma apresentação de diapositivos sobre como, se tivermos sorte, a filosofia pode ajudar-nos a conseguir um emprego em publicidade, segui-te para fora do anfiteatro. Tu e uma rapariga chamada Esme fumavam e falavam sobre uns amigos de amigos em West London. «Que mundo pequeno!» *Se calhar é apenas o teu mundo que é pequeno?* Pensei, mas não disse. Nessa altura, ainda acreditava que tudo o que saía da minha boca era estúpido. Falaste sobre festas a que ambos tinham ido na noite interior e coloquei a palma da mão sobre a minha pulseira de caloira. Não acreditava no quão incrível eras. Trocaste números de telemóvel com a Esme, depois pediste o meu também.

É difícil descrever o quão mal me sinto neste momento. Mais tarde irei aprender que isto é normal. A dor é tão difícil de descrever aos outros que, em 1971, dois cientistas desenvolveram o *Questionário de Dor McGill*, para ajudar os pacientes clínicos a explicarem aos médicos a natureza precisa e a dimensão da sua aflição. No total, existem vinte secções e, ao longo de cada uma, o paciente deve escolher qual o adjetivo que melhor descreve o que está a sentir.

É . . .?
1. Intermitente
2. Pulsante

3. Dor aguda
4. Latejante
5. Como pancadas
6. Palpitante

É…?
1. Saltitante
2. Intensa
3. Em pontadas

É/Está…?
4. A Picar
5. Tediosa
6. Perfurante
7. Em facada

Existem mais de sessenta e quatro adjetivos a escolher. Continuo à procura das palavras certas, mas elas escapam-me sempre, como quando nos viramos para tentar ver a nossa própria sombra. Acho que as palavras não chegam muitas vezes, reduzindo a onda avassaladora de sentimentos a uma sensação isolada, como se se tratasse apenas de uma única coisa e não da totalidade da pessoa naquele momento.

— Dói — digo, quando ligo à minha melhor amiga Vicky, de algures perto de Grantham. A mesma expressão sai da minha boca quando estou constipada ou com dores do período.

Saio do comboio e deixo a estação, a minha mãe está no parque de estacionamento, a caminhar na minha direção, deixando a porta do seu Polo totalmente aberta.

— Oh, amor — diz ela, abraçando-se ao meu pescoço com tanta força que sinto alguns cabelos a caírem-me da cabeça. No caminho para casa, choro com a cabeça encostada ao vidro morno da janela. Quando olho para cima, vejo que os olhos dela também estão a reluzir.

— O que se passa contigo? — pergunto.

— Não sei.

Ela puxa os punhos das mangas aos olhos e seca as lágrimas.

— Porque é que estás a chorar?

— Porque não me sinto feliz a não ser que tu te sintas feliz — responde ela de imediato, com o carro a aproximar-se demasiado do passeio. Tudo fica em silêncio durante algum tempo, exceto o suave ruído dos camiões que nos ultrapassam. — «Apenas és tão feliz quanto o teu filho menos feliz» — já ouviste esse ditado?

Talvez não importe que não consiga encontrar as palavras, porque aqueles que se preocupam podem vê-las escritas em cada linha do meu rosto.

— Então, miúda? — diz o meu pai quando entro em casa, meio envergonhado com o melodrama de tudo isto. — Um chá ajudava? Talvez não? — Ele olha para o chão e depois para cima novamente. Depois, começa a esgaravatar a terra do jardim que se instalou debaixo das suas unhas. — Comprei montes de leite de soja, é esse? Ou gostas de leite de aveia? Esqueci-me de qual deles disseste que está a destruir as florestas tropicais.

— Acho que me vou deitar — digo-lhe.

O meu quarto não mudou muito desde que nos mudámos para cá quando eu tinha oito anos. O Bones, o meu ursinho de peluche, está gasto de tanto ser apertado na cama. As cortinas com pompons cor-de-rosa pálido na janela foram o compromisso da mãe por se recusar a pintar o quarto todo de fúcsia como eu queria. As prateleiras estão cobertas com coisas de que não gostava o suficiente para me ralar em levá-las comigo para Londres, livros de que me envergonho um pouco de ter lido, bases que levei muito tempo a admitir que são demasiado escuras para o tom da minha pele. Chorei muito neste quarto: quando escondi os cigarros do pai na minha caixa de *Lego Duplo* porque a Sra. Fletcher me disse que fumar provoca cancro; quando não me deixaram ver o concerto da banda de *metal* do meu amigo, *Decayed Messiah*, no Three Horseshoes, porque era dia de escola no dia seguinte; quando as hormonas me deram borbulhas, e depois novamente porque as hormonas me deixaram mais chateada do que devia estar por causa das borbulhas.

Enfio-me debaixo do edredão e grito para a almofada até ficar molhada de saliva. Agito-me até o lençol se soltar do canto da cama. E lá está a dor outra vez, a contorcer-se sob a força dos meus atos.

— Conseguia sentir o meu crânio. Sabes quando sentes algo que não é suposto sentires? — lembro-me do meu amigo dizer isto quando bateu com a cabeça ao cair de uma bicicleta, lembro-me de o sentir na minha própria cabeça quando o disse. Enquanto falava, passou um polegar ao longo da sua cicatriz. — Depois, senti aquele sabor metálico do sangue a escorrer para o fundo da minha boca. E senti o meu cérebro inchar mil vezes e tinha uma bola de *bowling* pesada a deslizar pelo seu chão duro, riscando a pintura.

Se as palavras forem becos sem saída, então as metáforas são portas que posso tentar abrir. Quando se compara a dor a outra coisa, aqueles que escutam podem preencher as abstrações com as suas próprias interpretações. A dor do meu amigo era uma bola de *bowling* e a minha é algo como uma tarântula que usa o meu corpo como ninho. Sinto-a a subir pelo meu esófago, a protuberância do seu corpo a equilibrar-se no limite da minha garganta. Engulo-a goela abaixo, mas as oito patas permitem que ela volte a subir rapidamente. Lutar contra a dor é esgotante, por isso acabo por adormecer e quando acordo há uns breves e preciosos segundos de silêncio em que me esqueço do que aconteceu. Mas depois sinto as cristas das suas patas a roçar contra a suavidade rosada das minhas entranhas e lembro-me. O facto de a minha mente inconsciente possa ser tão cruel parece uma falha da natureza.

Talvez agora, que consigo explicar a dor um pouco melhor, quem me ouve partilhe do mesmo sentimento? Talvez possam levar um pouco dela consigo?

— Meu Deus, para, por favor — pedi quando o meu amigo me contou sobre o seu ferimento na cabeça. — Estás a deixar-me enjoada.

Mas apenas porque sabemos o nome de uma flor, não significa que compreendemos como é ser uma.

Era a terça-feira depois da Semana do Caloiro e sabia bem fazer uma pausa dos *shots* de *sambuca* e dos *remixes* de *Set Fire to the Rain* da Adele. Estava a ver *Gossip Girl* no portátil com as minhas colegas de casa. O meu telemóvel tocou. «Olá, sou eu, de filosofia. Foste sair?» Era meia-noite e meia, o que significava que apenas conseguiria chegar

à cidade às duas e meia e as discotecas fechavam às três. Era suposto achar que não valia a pena, mas levantei-me.

— Pessoal, deixei a minha bolsa de maquilhagem no quarto de quem?

Pálpebras pegajosas da cola de pestanas falsas; laca para o cabelo *L'Oreal Elnett* seca no fundo da minha garganta, perfume da *Nina Ricci* com cheiro a maçã caramelizada; as minhas colegas de casa a rir; a minha nova melhor amiga Jess a gritar: «Ela é do piorio!», para o portátil quando a Serena começa a beijar o namorado da Blair outra vez; um táxi económico para Perdu, no centro da cidade de Newcastle; uma garrafa de plástico com *vodka* e um *mix* de arandos para o caminho e uma desculpa ensaiada previamente sobre ter perdido os meus amigos e ter-te encontrado. Os empregados do bar já estavam a carregar a máquina de lavar loiça pela última vez, mas pagar cinco libras de entrada não parecia um desperdício.

Caminhando pelas ruas calcetadas de Newcastle, riste-te e, perante o céu escuro, os teus dentes tingiram-se de cinzento.

— Quero estar sozinho contigo — disseste-me. Então fugimos dos teus amigos para ir comer batatas fritas à bolonhesa sob a luz metálica dos letreiros do Best Kebab. Os nossos gémeos comprimiram-se debaixo da mesa e senti como se alguém estivesse a remoer as minhas entranhas até engrossarem. Por um momento, pensei ter-te ouvido dizer «Amo-te», mas estavas apenas a dizer «Como pudeste?», porque te roubei uma batata. Imaginei as palavras que queria ouvir a serem engolidas com a gordura que se afundava nas tuas entranhas. Pelo menos assim continuariam a viver no teu estômago.

A Síndrome do Coração Partido é um distúrbio perigoso que provoca dores no peito, falta de ar e baixa pressão sanguínea. A maioria dos pacientes recupera, mas os estudos mostram que a doença pode causar cicatrizes e enfraquecer os músculos do coração. É conhecida formalmente como Cardiomiopatia de Takotsubo. O mundo da medicina reconhece-a como uma condição temporária em que uma perturbação emocional súbita ou outro *stress* físico podem originar o inchaço apical do ventrículo esquerdo do coração. Este distende-se e dilata-se,

estreitando-se na parte superior e inchando na parte inferior. A palavra japonesa *takotsubo* é o nome de uma armadilha para polvos de um formato semelhante. O polvo consegue entrar na armadilha circular, mas não tem espaço suficiente para se manobrar e dar a volta para sair.

Sinto-me como se tivesse engolido um tampão.

Se tivesse Cardiomiopatia de *Takotsubo* — um nome, sofisticado e científico, para legitimar este sentimento — sentir-me-ia melhor?

A mãe senta-se comigo enquanto choro.

— Isso mesmo, deita tudo cá para fora — diz ela. A palma da sua mão afaga-me as costas em círculos para desalojar o que me sufoca, tentado soltar o polvo da armadilha.